

---

## A TRAJETÓRIA DE MANSUETO BERNARDI E OTHELO ROSA NO CONTEXTO DA ALIANÇA LIBERAL: ALINHAMENTOS E TENSÕES

### THE MANSUETO BERNARDI AND OTHELO ROSA'S TRAJECTORIES IN CONTEXT OF 'ALIANÇA LIBERAL': ALIGNMENTS AND TENSIONS

---

Jefferson Teles Martins  
Doutorando em História - PUCRS  
jeffteles@gmail.com

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é mostrar como as alianças estabelecidas no final dos anos 1920 entre as elites políticas do estado eram frágeis e escondiam tensões, mais ou menos, sentidas nas injunções entre os aliancistas. Para isto, serão analisados os casos de dois agentes políticos e intelectuais: Mansueto Bernardi e Othelo Rosa. No final dos anos 1920, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul teve o ingresso de nomes reconhecidos no cenário político e cultural de Porto Alegre, cuja atuação foi importante no contexto da Aliança Liberal e da união das elites políticas e intelectuais do estado. Entre os quais se destacam o diretor da "Revista do Globo", Mansueto Bernardi, e o diretor de "A Federação", Othelo Rosa. O primeiro foi o redator do "Manifesto dos Intelectuais" gaúchos em apoio à Revolução de 1930, e o segundo desempenhou papel importante na condição de chefe da folha republicana no *front* de defesa da campanha de Getúlio Vargas à Presidência da República. Entretanto, a Revolução de 30 trouxe diferentes encaminhamentos às trajetórias desses agentes.

**PALAVRAS CHAVE:** IHGRGS. Intelectuais rio-grandenses. Aliança Liberal.

**ABSTRACT:** This article aims to show how the alliances established in the late 1920s among the political elites of the state in Rio Grande do Sul were fragile and it had hidden tensions, which were more likely to be felt in injunctions of the allies. For this, the study cases of two politicians and intellectuals agents will be analyzed: Mansueto Bernardi and Othelo Rosa. In late 1920, the Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Sul admitted in its membership some recognized names in the political and cultural scene in Porto Alegre, whose work was important in the context of the Liberal Alliance and the union of the political and intellectual elites of the state. Among them stood out the director of "Revista do Globo" Mansueto Bernardi and director of "A Federação" Othelo Rosa. The first one was the writer of the "Manifesto of the Intellectuals" in support of the Revolution of 1930, and the second one played an important role in the condition of the chief of republican journal in defense of the Getúlio Vargas campaign for president. However, the Revolution of 1930 brought different destiny to the trajectories of these agents.

**KEYWORDS:** Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Sul. Intellectuals. Liberal Alliance.

## O ingresso de Mansueto Bernardi no IHGRGS: o alinhamento entre os agentes políticos e intelectuais

Após ser firmado o “Pacto de Pedras Altas”, que encerrou a Revolução de 1923 e que assegurou que Borges de Medeiros não se candidataria mais a presidência do Estado, ainda prevaleceram animosidades políticas, perseguições<sup>1</sup> e revoltas armadas até 1926, quando ocorreu a última revolta no sudoeste do estado.<sup>2</sup> Mas gradualmente, as divergências entre as elites políticas do estado foram se amainando. Quando Getúlio Vargas foi eleito presidente do estado em 1928, chegou a contar com o apoio de antigos opositores, como Assis Brasil, que viam nele uma postura mais “liberal” que seu antecessor. No ano seguinte – 1929 – *Republicanos e Liberais* selaram a sua união através da formação da Frente Única Gaúcha (FUG), um acordo eleitoral entre a elite política rio-grandense que resultou na criação da *Aliança Liberal*, que lançaria a candidatura de Getúlio Vargas a Presidência da República, nas eleições de 1930, com o apoio do Partido Republicano Mineiro, do presidente da Paraíba e outras forças discordantes do governo Federal.

No ano de 1926, foi eleito como membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul um nome reconhecido no universo cultural de Porto Alegre: Mansueto Bernardi, que seria uma ponte importante entre o Instituto e o governo estadual e federal nos anos finais da década de 1920 e contexto da Revolução de 1930. Mansueto, nascido na Itália, mas criado no Brasil, era filiado ao Partido Republicano, tendo sido intendente de São Leopoldo, nomeado por duas vezes (1915; 1920-23), e Secretário do *Consulado* de Borges de Medeiros. Fez a sua estreia na literatura com o livro de poesia *Exaltação*, em homenagem a Olavo Bilac, quando de sua visita a Porto Alegre em 1916, durante a *Campanha Nacionalista*. Desde 1918 dirigia, juntamente com João Pinto da Silva, secretário pessoal de Borges de Medeiros, o *Almanaque* da Livraria do Globo. Na condição de “editor” da Livraria, Mansueto Bernardi foi o responsável pelo lançamento de quase todos os nomes de novos escritores rio-grandenses na década de 1920. Imprimiu a tendência regionalista e nacionalista (que

<sup>1</sup> André Carrazoni dá importante relato de como os *assististas* sofreram perseguições após ser firmado o *Pacto de Pedras Altas*, tendo ele próprio se exilado no Uruguai após término da *Revolução assistista*. (MARTINS, 2011)

<sup>2</sup> Em 1925, Honório Lemes invade o estado com o objetivo de derrubar Borges de Medeiros. Em 1926, o tenente Alcides Etchegoyen subleva a sua guarnição no sudoeste do estado com o apoio de alguns libertadores (VIZENTINI, 1985, p. 39)

enfatisasse a identidade brasileira dos rio-grandenses) à produção literária local.<sup>3</sup> Segundo Manoelito de Ornellas, em 1925, após a visita de Guilherme de Almeida a Porto Alegre, que reuniu em torno de si todos os poetas novos do Rio Grande do Sul em casa de Mansueto, “o ciclo modernista atingiu expressão e profundidade”. A partir desse momento, Mansueto passou a ser “o centro de convergência de todo o movimento literário renovador do Rio Grande” (ORNELLAS, 1965, p. 28). Manoelito de Ornellas lembra que Mansueto Bernardi dirigia “um veículo de divulgação literária, abertamente generoso aos ‘novos’”: a Revista do Globo (ORNELLAS, 1966, p. 67).

A eleição de Mansueto para o IHGRGS se deu em 30 de maio de 1926. Entretanto, a sua posse, ainda que muito aguardada, se deu apenas em 13 de maio de 1927. Inicialmente, sua recepção era esperada para o dia 20 de setembro de 1926.<sup>4</sup> Mas alguns incidentes determinaram o adiamento da posse de Mansueto, conforme explica Eduardo Duarte:

A recepção do Mansueto está encroada; primeiro o desastre com o Silveira Martins, pois que sendo deputado e a vida do Instituto depender da subvenção – a hora do enterro (se supunha aqui), e não sei o que mais, determinou a transferência. Depois a enfermidade do Adroaldo... Enfim, ficou para princípio do ano.<sup>5</sup>

Estes adiamentos da data de posse do novo membro do Instituto apontam para o cuidado que a sua direção tinha para não melindrar, mesmo indiretamente, a sua relação com governo do estado ou a Assembleia, devido ao “*Instituto depender da subvenção*”, evidenciando assim, a sua proximidade e dependência das instâncias políticas.

Quando Mansueto, finalmente, tomou posse, leu um trabalho que sinaliza a tendência assumida pelo Instituto Histórico no final da década de 1930, e ao mesmo tempo, sintetiza o ambiente intelectual rio-grandense que influiria na relação daqueles intelectuais com o poder político. Zélia Fiorezi cita as palavras de Bernardi quando no discurso de posse: “*o minuano precisa soprar em todo o país*”. Segundo a autora, esta e outras manifestações de Bernardi

<sup>3</sup> De 1925 a 1930, nenhuma obra de autores brasileiros, não-gaúchos, foi publicada pela Livraria, no ramo da Literatura (TORRESINI, 1999; MARTINS, 2011).

<sup>4</sup> Duarte a Souza Docca, Porto Alegre, 10 de setembro de 1926.

<sup>5</sup> Carta de Eduardo Duarte a Souza Docca, 1926. A referência “ao desastre com Silveira Martins”, evidentemente não se referia ao líder federalista morto em 1901. Ainda não pode ser verificado sobre quem se tratava, pois as listas da legislatura da Assembleia dos Representantes apresenta uma lacuna na 10ª legislatura. São necessários novas buscas para preencher esse hiato e, assim, descobrir a quem Duarte se referia.

revelam a “defesa da ideia de liderança política que o Rio Grande do Sul deveria exercer no contexto nacional” (FIOREZI, 2002, p. 62). Antes dela, a historiadora Ieda Gutfreind, também, já havia destacado os discursos de Bernardi como indicador do “desenvolvimento de um projeto político-ideológico que exigia um lugar especial para o Rio Grande do Sul na Federação”(GUTFREIND, 1998, p. 40). É nesse contexto, portanto, que aspirações regionalistas e nacionalistas de políticos e intelectuais locais se conjugam abrindo margem para a grande aliança da elite rio-grandense, que serviria de base de sustentação para o lançamento da candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República em 1930.

No mesmo ano de sua posse, Mansueto foi nomeado por Florêncio Abreu, presidente do Instituto, como membro da Comissão da Revista,<sup>6</sup> dirigida por Eduardo Duarte, que fora o primeiro professor de Mansueto na colônia italiana de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis (SPALDING, 1969, p. 190). Esta nomeação reforçava a ligação do Instituto com a Livraria do Globo. Mansueto Bernardi era peça importante nesta rede, pois era diretor da seção de publicações da Livraria, ao passo que, a *Revista* do Instituto era publicada naquela gráfica.

Outro aspecto saliente da admissão de Mansueto para os quadros do Instituto era a sua amizade com os políticos mais importantes do estado entre os quais Getúlio Vargas, então presidente do Rio Grande do Sul. Os testemunhos da época dão conta que o escritório de Mansueto Bernardi, no segundo andar da Livraria do Globo, na Rua dos Andradas, em Porto Alegre, era o ponto de encontro constante de intelectuais e políticos gaúchos. Érico Veríssimo (1981) cria um retrato de Mansueto Bernardi e a sua relação com políticos e intelectuais gaúchos na década de 1920, que ajuda a compreender a posição desse agente cultural na intersecção dos mundos político e intelectual do Rio Grande do Sul. Veríssimo o descreve como “*homem inteligente e de boa vontade, tinha uma personalidade catártica, recebia bem – embora sem exageros de cordialidade – todos os escritores que o procuravam, tanto os velhos como os novos*” (BATISTA, 2008 p. 74). Sobre a amizade de Mansueto e os políticos republicanos da “nova” geração, Veríssimo faz uma descrição pitoresca do círculo de camaradagem, conforme cita Karina Batista:

Seria poeta ou prosador, ou ambas as coisas? – o baixinho sorridente de ar plácido que às vezes ‘dava as caras’ no gabinete do Mansueto Bernardi?

<sup>6</sup> Ata, 27 de novembro de 1927, p. 99v.

Não, esse não escrevia livros, era político. Tinha sido naquele mesmo ano eleito deputado federal pelo Partido republicano rio-grandense. Chamava-se Getúlio Dorneles Vargas. O magro baixo e simpático que as vezes aparecia com ele era João Neves da Fontoura, deputado estadual, considerado orador de grande eloquência. E o moço de beleza varonil de palavra fácil e aliciante, que de raro em raro se juntava a todos aqueles frequentadores do pequeno cenáculo de Mansueto Bernardi? Era o bacharel em ciências políticas e sociais, Osvaldo Aranha, que não publicava livros, mas que tinha uma inteligência viva e um poderoso magnetismo pessoal”. (BATISTA, 2008, p. 74)

Erico Veríssimo também destaca a ambição de Mansueto Bernardi de fazer da Livraria do Globo uma editora com atuação nacional: “*Um dos seus sonhos diletos era criar na Globo uma editora de âmbito nacional (...)*” (BATISTA, 2008, p. 74). Nesse sentido, foi importante o lançamento da Revista do Globo como publicação para todo o país. Mansueto foi seu mentor e primeiro diretor, mas atribui-se a Getúlio Vargas a sugestão da sua criação.

Manoelito de Ornellas reforça a mesma descrição e o papel de Mansueto como incentivador dos “*novos valores da terra estimulando aos que começavam, como eu*” diz o escritor gaúcho, “*e acolhendo e divulgando aos que já traziam experiências mais maduras*”. Ressaltando o papel de “ponte” que Mansueto exercia entre a intelectualidade rio-grandense e os agentes da política local, acrescenta Manoelito de Ornellas:

A Revista do Globo e a saleta de sua direção era o ponto de encontro de todos os poetas adolescentes e os poetas maduros, o próprio presidente da província, Getúlio Vargas, e a figura sempre lembrada de Osvaldo Aranha, político e tribuno de projeção internacional. (ORNELLAS, 1965, p. 28)

Quando eclodiu a *Revolução de 1930*, Mansueto acompanhou Getúlio Vargas ao Rio de Janeiro. A proximidade de Mansueto e Getúlio é bem expressa pela foto que foi tirada no momento da partida das forças revolucionárias para o Rio de Janeiro. Na foto histórica, Mansueto Bernardi aparece no trem ao lado de Getúlio Vargas com o braço esquerdo levantado dando “*um viva ao presidente eleito Getúlio Vargas*”, do outro lado, Osvaldo Aranha levantando o chapéu acompanhando o “*viva*” de Mansueto Bernardi.

No dia seguinte à deflagração da revolução, Mansueto lançou pela Revista do Globo o *Manifesto dos Intelectuais* gaúchos em apoio à Revolução. Neste manifesto apregoava:

Nenhum rio-grandense digno de tal nome, em que se resume uma fulgurante tradição de altruísmo, de bravura e de protesto contra todos os despotismos, pode ficar indiferente ao glorioso e empolgante espetáculo da insurreição nacional. [...]

Rio-grandenses!

Mostremos com o nosso denodo aos que tanto nos ofenderam com as suas provocações e os seus insultos, mostremos aos assassinos de João Pessoa, aos violadores da lei e aos espoliadores da Nação que espírito da nossa raça é imortal e que a mesma capacidade de sacrifícios que fez a grandeza sem par da geração dos Farrapos é ainda a dos nossos dias, neste glorioso crepúsculo da República Brasileira!

Rio-grandenses!

Comuniquemos ao povo brasileiro a certeza de que não nos arreecemos de provações nem de sacrifícios, por amor do Brasil, pela dignificação da República e pelos direitos do cidadão!

Rio-grandenses!

Todos unidos em marcha para a Vitória!

Porto Alegre, 4 de outubro de 1930. (BERNARDI, 1981, p. 27-28)

Foram signatários desse manifesto expressivos nomes da elite intelectual do Rio Grande do Sul. Entre os quais, alguns membros fundadores do IHGRGS, como Alcides Maya, Aurélio Porto, Adroaldo Mesquita da Costa, Eduardo Duarte, Leonardo Truda, Lindolfo Collor, Roque Callage e Manoel de Faria Correa; e outros que já na década de 1930 iriam ingressar na instituição, como Angelo Guido, Clemenciano Barnasque, Darcy Azambuja, Dante de Laytano, Edgar Luiz Schneider; e outros somente mais tarde fariam parte do IHGRGS: Athos Damasceno Ferreira e Moysés Vellinho, Mem de Sá e Augusto Meyer.<sup>7</sup>

Como resultado da participação de Mansueto na Revolução, ele foi nomeado por Getúlio Vargas como diretor da Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, cargo que ocupou do ano de 1931 até 1938.

## Othelo Rosa e as tensões no interior da Aliança Liberal

<sup>7</sup> A nominata completa dos signatários do Manifesto é a seguinte: Alcides Maya, André Carrazzoni, Augusto Meyer, Athos Damasceno Ferreira, Adroaldo Mesquita da Costa, Angelo Guido, Carlos Dante de Moraes, Clemenciano Barnasque, Darcy Azambuja, Dante de Laitano, Edgar Luiz Schneider, Ernani Fornari, Emílio Kemp, Eduardo Duarte, Fábio de Barros, Fernando Caldas, Isolino Leal, João Carlos Machado, José Carlos de Souza Lobo, Lindolfo Collor, Leonardo Truda, Luiz Vergara, Maurício Cardoso, Mansueto Bernardi, Mario Totta, Martins Gomes, Moysés Vellinho, Mem de Sá, Manoel de Faria Correa, Mário de Sá, Pedro Vergara, Paulo Correa Lopes, Raul Pilla, Roque Callage, Raul Bitencourt, Raymundo Golçalves Vianna, Ruy Cirne Lima, Renato Costa, Rubem Machado da Rosa, Raul Totta, Sérgio de Gouvea, Teodomiro Tostes, Telmo Vergara, Vargas Netto, Waldemar Vasconcelos, Zeferino Brasil. Dos 46 nomes, 17 eram ou fariam parte do IHGRGS.

A união das elites rio-grandenses após o ‘ciclo das revoluções’, na segunda metade da década de 1920, foi possível devido às alterações conjunturais que permitiram a reorganização da relação entre republicanos e oposição, decorrente da mudança nas próprias relações internas destes dois grupos políticos. O “*Pacto de Pedras Altas*”<sup>8</sup> (1923) definiu a impossibilidade de reeleição de Borges de Medeiros, o que sinalizou não apenas o início do declínio do poder unipessoal do velho líder republicano, mas apontou para o fim de um modelo autoritário de dominação dentro do partido, e, conseqüentemente, para a abertura de espaço para os novos quadros de liderança partidária do PRR. A “nova geração” de líderes republicanos (Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, Lindolfo Collor, Flores da Cunha, etc.) pôde conquistar maior autonomia diante de Borges de Medeiros, e ao assumir a direção do governo estadual, em 1928, deu novo direcionamento à ação republicana. Por outro lado, neste contexto as oposições se reorganizaram, superando antigas clivagens internas que impediam a sua aglutinação. O primeiro passo nesse sentido foi a fundação da Aliança Libertadora em São Gabriel (15/01/1924). Depois, com a extinção do Partido Federalista (de tradição gasparista e parlamentarista) e a criação de uma nova agremiação política, o Partido Libertador, em 1928,<sup>9</sup> federalistas e liberais se uniram e criaram “uma estrutura política mais ampla e competitiva” (NOLL, 1980, p. 23).

A eleição de Getúlio Vargas à presidência do estado foi decisiva no processo de união das elites políticas gaúchas. Segundo Maria Izabel Noll, a eleição de Vargas como candidato único à presidência do estado foi marcada pela “conciliação política interna e realizações no plano econômico” (NOLL, 1980, p. 22). A “elite republicana emergente” estabelece, a partir de então, uma nova estratégia “consubstanciada num modelo político mais dinâmico e flexível” que “reconhece o espaço conquistado pela oposição e amplia sua legitimidade renunciando à dominação excludente baseada na coerção” (NOLL, 1980, p. 22). As regras do jogo político no estado se alteraram sensivelmente com a ascensão da nova elite republicana. Pela dissociação entre a chefia do governo e a chefia do partido (PRR)<sup>10</sup>, Getúlio Vargas

<sup>8</sup> O Pacto de Pedras Altas não representou o fim das perseguições ou a pacificação completa no Rio Grande do Sul. De fato, continuaram a existir a perseguição aos opositoristas. Vizentini diz: “O pacto de Pedras Altas não significara o advento da paz para o estado. Os descontentamentos agravados com as perseguições sofridas pelos opositoristas, continuavam” (VIZENTINI, 1985, p. 38)

<sup>9</sup> 3/3/1928.

<sup>10</sup> O Partido Republicano Rio-grandense continuou sendo liderado por Borges, a quem cabia atribuições como, por exemplo, escolher o redator chefe do jornal oficial do partido “A Federação”.

ganhou maior autonomia podendo estabelecer um governo predominantemente político (VIZENTINI, p. 56). Além disso, Vargas ganhou o apoio dos Libertadores através de “medidas econômicas” e de “concessões políticas diretas”<sup>11</sup> (VIZENTINI, p. 56).

Neste contexto de mudanças e novos arranjos políticos, Mansueto Bernardi foi o responsável por apresentar a proposta dos novos sócios do Instituto Histórico, Othelo Rosa e Darcy Azambuja.<sup>12</sup> Othelo Rosa naquele momento de união das elites rio-grandenses ocupava uma posição importante no espaço de poder local como elo entre o governo do estado e a direção do Partido Republicano. Estava ligado por laços de fidelidade partidária ao velho chefe republicano Borges de Medeiros, do qual havia sido secretário pessoal, e, ao mesmo tempo, desempenhava funções essenciais para o governo do estado liderado por Vargas.<sup>13</sup> Era deputado estadual e líder da maioria na Assembleia Legislativa e, também, diretor de “A Federação”, órgão oficial do Partido Republicano Riograndense. No momento da constituição da Aliança Liberal, à frente do jornal republicano imprimiu àquela folha a defesa intransigente e inteiro apoio ao quadro de aliança entre republicanos e liberais que, reunidos na Frente Única Gaúcha, sustentaram a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Sob o pseudônimo *Juvenal Maia*, Othelo Rosa desferiu ataques e críticas aos que se opunham a Aliança Liberal e ao Rio Grande do Sul (VIZENTINI, 1980, p. 329). A indicação de Othelo para fazer parte do quadro dos membros do Instituto Histórico pelas mãos de Mansueto, portanto, se deu no momento de alinhamento das elites estaduais. Porém, a trajetória de Othelo Rosa sofreu uma inflexão que ilustra as contradições e tensões daquela

<sup>11</sup> Entre as medidas econômicas que foram ao encontro dos interesses da oposição, o governo gaúcho sob Vargas fez a encampação de empresas de transporte, criou o Banco do rio Grande do Sul (1928) para fornecer “crédito a juros baixos aos interesses agropecuários” (p. 55). Pelo lado político, pode-se citar a concessão de uma sétima cadeira à oposição na Assembleia estadual, sem disputa. (VIZENTINI, 1985, p. 56).

<sup>12</sup> Darcy Azambuja e Othelo Rosa teriam papéis destacados no governo Flores da Cunha, o primeiro como Secretário do Interior e presidente do secretariado, e o segundo como Secretário da Educação e Cultura. A proposição de Mansueto Bernardi para Othelo Rosa e Darcy Azambuja como novos sócios do Instituto se deu em 10 de julho de 1929. Ata de 10 de julho de 1929, p. 109r.

<sup>13</sup> Um exemplo da forma como Othelo Rosa procurava atender à orientação política de Getúlio Vargas nas páginas de “A Federação” fica expressa na consulta que fez a propósito da publicação intitulada “*Pelo regimen republicano – a propósito da anunciada regulamentação da profissão médica neste Estado*”, redigida por Carlos Torres Gonçalves, que combatia qualquer regulamentação da liberdade profissional “matéria da competência do poder espiritual, e não do temporal”, segundo os princípios da doutrina comteana. Othelo pergunta a Getúlio Vargas: “*A praxe na “A Federação” é de publicar esses trabalhos. Mesmo quando se os tenha de combater depois, acolhia-se a publicação. Consulto V.Exa. se devo continuar observando esse critério, ou quais são as suas ordens, no caso*” (Carta de Othelo Rosa a Getúlio Vargas, Porto Alegre, 24 de julho de 1929). Por outro lado, este tipo de consulta indica que as orientações pessoais de Vargas tendiam a sobrepor-se às doutrinas ideológicas seguidas pela “Federação”.

conjuntura histórica e a fragilidade das alianças estabelecidas. Na injunção entre governo e partido, entre Borges e Getúlio, entre “velha” e “nova” geração republicana, Othelo se via obrigado a conciliar fidelidade partidária e lealdades pessoais num momento de transição interna (e tensões) dentro da agremiação republicana, e de alianças suprapartidárias. Em dezembro de 1929, Othelo renunciou a liderança da maioria na Assembleia no momento em que era essencial demonstrar a unidade das correntes políticas gaúchas, quase às vésperas da eleição para a presidência da República, e foi instado por Getúlio Vargas para não dar publicidade ao fato da renúncia.<sup>14</sup> Entretanto, a crise latente entre os aliancistas agudizou-se, após a vitória de Júlio Prestes, em 1º de março de 1930. A entrevista de Borges de Medeiros ao jornal “*A Noite*”, reconhecendo a vitória de Júlio Prestes nas eleições provocou forte reação de políticos ligados à Aliança Liberal. Entretanto, a tensão entre os distintos setores da Aliança Liberal foi sentida com mais intensidade na injunção das diferentes forças “novas” e “velhas” dentro do PRR. Othelo Rosa não conseguindo conciliar sua fidelidade aos dois grupos em tensão optou por renunciar – não sem mágoa – ao mandato de deputado estadual e ao cargo de diretor de “A Federação”, em 19 de março de 1930.<sup>15</sup> Como sua indicação ao Instituto, por Mansueto, é de antes da deflagração destes conflitos, não se pode dizer que a entrada de Othelo para o Instituto foi um “prêmio de consolação” ou uma realocação do líder republicano. A renúncia de Othelo tem a ver com a mudança pela qual o Partido Republicano e a elite gaúcha estava passando, e o diretor de “*A Federação*”, não sendo capaz de adaptar-se

<sup>14</sup> Minuta do telegrama enviado à Borges de Medeiros por Othelo Rosa: “Cumpro dever comunicar V.Exa renunciei anteontem encargo leader maioria Assembleia – ponto – motivos ordem interna bancada levaram-me essa deliberação a que dei caráter irrevogável – ponto – Virtude reiterados apelos presidente Estado e própria maioria concordei não dar publicidade fato – ponto – Na realidade não exercerei mais aquelas funções, de cujas responsabilidades estou por consequência exonerado. Atenciosas saudações. Othelo Rosa”. (07/12/1929. Rasuras no original. Fundo Othelo Rosa. Arquivo do IHGRGS).

<sup>15</sup> Minuta do telegrama de Othelo Rosa enviado a Borges de Medeiros, por ocasião da renúncia do mandato e da direção de “A Federação”: Cumpro dever comunicar V. Exa<sup>a</sup> deixei hoje direção Federação, que depois nosso presidente Getúlio Vargas, de acordo ultimas ordens recebidas de V. Exa. ponto. Em nossa assinada publicada hoje órgão republicano explico razoes meu ato, decorrente verificação não ter traduzido fielmente pensamento Chefe e partido em face últimos acontecimentos. Ponto. Além esse motivo político concorre minha magoa por haver V. Exa., definindo uma orientação ontem jornal, desprestigiado e desautorizado jornal sob minha direção. Ponto. Sendo essa a terceira vez que semelhante circunstancia ocorre e conhecendo bem sentimento V.Exa. relação velho jornal castilhista, somente posso interpreta-la como consequência desconfiança e censura direção atual – ponto – Cumpro assim o dever de afastar-me, resguardando interesses jornal e partido – ponto – Dei minha renuncia caráter definitivo, compreendendo ela todos mandatos políticos – ponto – Como republicano fico dentro fileiras meu partido, obediente Chefia V.Exa. Como homem não esquecerei jamais benefícios e demonstrações amizade lhe devo. Saberei sempre ser amigo leal e grato de V. Exa. Saudações respeitosas.(19/03/1930. Fundo Othelo Rosa, Arquivo IHGRGS).

ao novo contexto, ao invés de optar por ser fiel à ala que estava no governo, ou, reiterar sua obediência ao velho líder histórico do partido, cujo poder estava já em declínio, resolveu renunciar ao seu mandato e ao cargo, que os tinha em função de confiança.<sup>16</sup> É significativo que Othelo Rosa não tenha sido signatário do *Manifesto* de Mansueto Bernardi em apoio à *Revolução*, tampouco tenha sido contemplado com cargos no governo provisório de Getúlio Vargas. Mais tarde, Othelo atuaria no *Comité* de Porto Alegre contra Getúlio na *Revolução Constitucionalista*, em 1932. O caso de Othelo Rosa revela os limites do alinhamento das elites políticas e intelectuais no contexto da Aliança Liberal, e indica os constrangimentos (e ressentimentos) que a referida aliança provocava. Mas não deve ser tratado como um caso de exceção ao “congraçamento” das elites locais, pois durante a década de 1930, foram constantes as alianças e rupturas, as “mudanças de lado” na injunção da política regional e nacional.

## Conclusões

A década de 1920 é importante para entender as mudanças que ocorreram na esfera política e intelectual rio-grandense. As regras do jogo político se alteraram sensivelmente com a ascensão da nova geração republicana e com a união das oposições. A eleição de Getúlio Vargas como presidente do estado reforçou esse quadro de mudanças e introduziu a possibilidade de pacificação do estado e união das elites políticas e intelectuais do Rio Grande do Sul.

Mansueto Bernardi e Othelo Rosa, ambos políticos e intelectuais gaúchos, são exemplos de indivíduos cuja trajetória sofreu distintos encaminhamentos no momento particular da Aliança Liberal que uniu as lideranças políticas do estado em prol da candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República no final dos anos 1920. Demonstram o engajamento da liderança política estadual na Aliança Liberal, mas também revelam os pontos de tensão e limites da união daqueles líderes. Mansueto Bernardi foi “premiado” com um alto cargo na burocracia pública em nível federal por seu empenho e serviço, em especial, durante a Revolução de 30. Enquanto que, Othelo Rosa que servia de “elo” entre a velha liderança e a

---

<sup>16</sup>Othelo, que conhecia bem o processo de escrutínio eleitoral, sabia que sua “eleição” era uma nomeação do partido.

nova geração dos republicanos rio-grandenses, sentiu com mais intensidade as tensões presentes naquele arranjo político, e teve como destino o afastamento temporário das instâncias do poder local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Karina Ribeiro. **A Trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

BERNARDI, Mansueto. **A Revolução de 1930 e Temas Políticos.** Porto Alegre: Livraria Sulina, 1981.

FIOREZI, Zélia Guareschi. **A invenção do Rio Grande do Sul: território e identidade na visão do IHGRGS (1920-1937).** Passo Fundo: Clio, 2002.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/IEL, 1978.

MARTINS, J. T. **O Pensamento Histórico e Social de Jorge Salis Goulart: uma incursão pelo “campo intelectual” rio-grandense (1920-1930).** Dissertação de mestrado. PUCRS, 2011.

NOLL, M.I.S. O processo político partidário (1928-1937). In: TRINDADE, Hélió (org.) **Revolução de 1930 – partidos e imprensa partidária.** Porto Alegre: UFRGS, 1980.

ORNELLAS, Manoelito de. O Rio Grande do Sul nas Letras do Brasil – resenha histórica. In: separata da revista **Veritas.** Porto Alegre: PUCRS/tipografia Champagnat, 1965.

\_\_\_\_\_. **Máscaras e Murais da Minha Terra.** Porto Alegre: Globo, 1966.

SPALDING, Walter. **Os construtores do Rio Grande.** V.1. Porto Alegre: Globo, 1969.

TORRESINI, Elizabeth. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40.** São Paulo: Edusp, 1999.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **O Rio Grande do Sul e a política nacional: da frente oposicionista gaúcha à Revolução de 1930.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

\_\_\_\_\_. A Federação e os republicanos históricos rio-grandenses (1928-1932). In: TRINDADE, Hélió (org.) **Revolução de 1930 – partidos e imprensa partidária**. Porto Alegre: UFRGS, 1980.

### Fontes

Duarte a Souza Docca, Porto Alegre, 10 de setembro de 1926. Fundo Souza Docca, Arquivo IHGRGS.

Ata de 27 de novembro de 1927, p. 99v. IHGRGS

Ata de 10 de julho de 1929, p. 109r. IHGRGS

Minuta do telegrama enviado à Borges de Medeiros por Othelo Rosa. 07/12/1929. Fundo Othelo Rosa. Arquivo do IHGRGS.

Minuta do telegrama de Othelo Rosa enviado a Borges de Medeiros. 19/03/1930. Fundo Othelo Rosa, Arquivo IHGRGS